

A maternidade como personagem: uma análise do livro-reportagem *Presos que Menstruam*¹

Julia Caroline Selzler Passos de Sá²
Reges Toni SCHWAAB³

Universidade Federal de Santa Maria, campus de Frederico Westphalen, RS

RESUMO

Este trabalho busca compreender como a maternidade é experienciada por mulheres encarceradas nas prisões femininas do Brasil, e, a partir da narrativa, torna-se "personagem" no livro-reportagem *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras*, escrito pela jornalista Nana Queiroz. Esta investigação é uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e bibliográfico, na qual realizamos uma análise de conteúdo sobre o objeto de estudo, discutindo a potencialidade da narrativa proposta nesta obra e promovendo uma reflexão sobre as práticas jornalísticas e o tema central do livro.

PALAVRAS-CHAVE: maternidade; mulheres encarceradas; penitenciárias femininas; personagem; livro-reportagem.

INTRODUÇÃO

A partir de um debate sobre narrativas jornalísticas e livros escritos por jornalistas, este estudo tem como temática a construção de personagens no desenvolvimento de livros-reportagem. O foco está no livro *Presos que Menstruam: a brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras*, de Nana Queiroz. Buscamos compreender como a jornalista e escritora coloca a maternidade como personagem das histórias que narra. Além de levantar o debate sobre a situação carcerária feminina no Brasil, discute a realidade de milhares de mulheres que têm seus direitos negligenciados pelo Estado e precisam passar por situações violentas e desrespeitosas. “É pelas gestantes, os bebês nascidos no chão das cadeias e as lésbicas que não podem receber visitas de suas esposas e filhos que temos que lembrar que alguns desses presos, sim, menstruam” (QUEIROZ, 2022, p. 19), afirma a autora.

A maternidade é uma temática onipresente no livro-reportagem *Presos que Menstruam*. Dividido em 59 capítulos, que variam entre tamanho e relevância, ou seja,

¹ Trabalho apresentado na IJ01 - Jornalismo do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023.

² Estudante de graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/FW, email: julia.spdesa@gmail.com.

³ Professor do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM/FW e orientador do trabalho, email: reges.schwaab@ufsm.br.

há capítulos que possuem cinco páginas e outros com apenas um parágrafo, por exemplo. Entretanto, diversos deles contam as histórias e experiências de sete mulheres que estão detidas ou já passaram pelas penitenciárias de cinco regiões brasileiras.

Essas sete mulheres são apresentadas no livro como *Safira, Gardênia, Júlia, Vera, Camila, Glicéria e Marcela*. Cada uma delas tem a sua própria história, o seu próprio ponto de vista sobre o mundo, possuem família, amigos, sonhos e objetivos. Mas, o que chama nossa atenção é que a grande maioria delas compartilha da mesma característica: são mães. Sendo assim, esta pesquisa tem o objetivo de analisar como a maternidade é abordada enquanto personagem nas histórias dessas mulheres.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é um recorte de uma pesquisa qualitativa maior⁴, que busca responder ao problema de como as narrativas jornalísticas são construídas por meio de assuntos específicos, como nesse caso, a maternidade. Para alcançar os objetivos propostos, utilizamos a Análise de Conteúdo (AC) como dispositivo metodológico principal para o gesto de leitura do livro. Segundo Bardin (2011), a AC engloba análises por meio da linguística e também da análise documental. Dessa forma, no processo de análise, trabalhamos com tabelas para categorização de expressões e da estrutura narrativa utilizada por Nana Queiroz para abordar a maternidade nas histórias de suas interlocutoras. Verificamos que, em todos os capítulos, a maternidade é “a peça central”, inclusive organizando a própria narrativa ao ser alçada a um status de personagem em relação ao tom, ao espaço e ao modo de narrar.

RESULTADOS OBTIDOS

A maternidade é um assunto difícil de ser separado das mulheres encarceradas, até porque, diferente dos homens, as mulheres é quem passam pela gestação e tudo que vem junto dela. No capítulo *A sentença do filho*, Nana Queiroz traz a história de Gardênia, que estava grávida em uma das vezes em que foi presa: “até nisso é diferente a gente presa do que a gente solta. Solta, você pega seu filho, vê. E eu nem consegui

⁴ Referência ao Trabalho de Conclusão de Curso, que ainda está no processo de desenvolvimento, adscrito ao Projeto de Pesquisa “Escrituras possíveis, lugares (in)comuns: saberes, sujeitos e compreensões sobre o jornalismo narrativo latino-americano” (UFMS).

olhar os dedos da mão e do pé, pra ver se não tava faltando nenhum”, afirma Gardênia ao contar sobre sua experiência (QUEIROZ, 2022, p. 73).

O que aconteceu com Gardênia é muito comum entre as mulheres presas. Heidi Cerneka, ativista durante dezessete anos na Pastoral Carcerária Feminina, pelos direitos das mulheres, das mães e dos bebês nas prisões femininas do Brasil, compartilhou um pouco do que já tinha visto dentro das penitenciárias com Nana Queiroz. A ativista até brinca com os absurdos em que as mulheres precisam passar: “tem mulher que até dá à luz algemada na cama. Como se ela pudesse levantar parindo e sair correndo” (QUEIROZ, 2022, p. 73).

Além disso, poucos presídios no Brasil estão preparados para gestantes e seus bebês. De acordo com os dados estatísticos do Sistema Penitenciário (2022), no país inteiro, existem apenas 67 dormitórios ou celas adequadas para gestantes, além de 51 berçários ou Centros de Referência Materno-Infantil. Esse número, para acolher, atualmente, 164 gestantes ou parturientes, 93 lactantes e 606 crianças entre seis meses e três anos (dados estatísticos do Sistema Penitenciário, 2022). Em relação a esses números, que já eram muito menores em 2012, quando Nana Queiroz escreveu o livro-reportagem, a autora afirma que “na maioria dos presídios e cadeias públicas, elas (gestantes) ficam misturadas com a população carcerária e, quando chega a hora do parto, *geralmente* alguém leva para o hospital” (QUEIROZ, 2022, p. 74, grifo da autora).

A falta de atendimento digno continua depois que a mãe dá à luz ao seu filho. Hoje, a Lei 11.942, de 28 de maio de 2009, assegura às presidiárias o direito de amamentação de no mínimo seis meses e cuidados médicos a elas e aos bebês. Com a promulgação desta Lei, mudou-se a redação dos artigos 14, 83 e 89 da Lei 7.210, de 11 de julho de 1984, assegurando que as penitenciárias femininas tenham seções destinadas a gestantes e parturientes, além de creches destinadas às crianças de seis meses a sete anos.

Além dos diversos assuntos que já trouxemos sobre a maternidade no livro-reportagem, percebemos que a temática se torna uma personagem dentro das histórias narradas no livro. Nana Queiroz, inicia e finaliza a obra com histórias sensíveis sobre a maternidade.

O primeiro capítulo do livro é intitulado como *Leite, fraldas e potes de açúcar* e conta a história de Safira, uma mulher que entrou para a vida do crime para poder comprar leite, fraldas, açúcar e comida para seus filhos. Um dos principais desejos de Safira em sua primeira saída do presídio no regime semiaberto era fazer o café da manhã para os seus filhos. E assim o fez, preparou tudo e quando “colocou os copos na mesa, sorridente”, um dos meninos estranhou, falando: “- Mas você não sabe, mãe, que a gente não toma café, só toma Toddy?” (QUEIROZ, 2022, p. 21). Safira se chocou com o fato, percebendo o tempo perdido, pois em sete anos de prisão, ficou até três sem vê-los. E assim, perdeu diversos primeiros dias de aula, a primeira vez que andaram de bicicleta, as primeiras paixões.

O último capítulo do livro, *Dia das Mães*, é protagonizado por um menino que aparentava ter menos de sete anos de idade. Nana Queiroz narra uma das principais “saidinhas” das mulheres encarceradas, o Dia das Mães. A jornalista fica do lado de fora da Penitenciária Feminina do Butantã, em São Paulo, observando e aguardando suas interlocutoras, quando essa criança chama sua atenção. O menino está agarrado às grades esperando por alguém, que parece ser muito amada por ele.

Neste capítulo, Nana Queiroz não só aborda a reinserção social das mulheres encarceradas, como narra aquele momento específico, em que diversas famílias aguardam suas filhas, irmãs, mães e, em poucas vezes, esposas. A jornalista também observa que a maioria do público que aguarda alguma parente é de avós, mães, irmãs e crianças pequenas, além de que “alguns têm peles muito claras, mas a grande parte oscila entre os mais diversos tons de marrom” (QUEIROZ, 2022, p. 288). Durante todo o tempo em que Nana Queiroz fica ali, o menino aguarda a sua mãe. Passa mais de 45 minutos na mesma posição, aguardando.

Na situação, a jornalista afirma que é perceptível o medo da criança de “perder” a mãe de volta. “Por isso devia agarrá-la tão forte, como se pudesse impedir que a separação chegasse”, evidencia Queiroz (2022, p. 292). Essa passagem intensifica ainda mais como a maternidade é uma personagem neste livro. Até porque, quando falamos sobre mulheres encarceradas, a maternidade vem junto. A partir do momento que uma mulher tem um filho, ela sempre será mãe. Diferente dos homens, que abandonam e “podem” optar se querem ou não assumir essa responsabilidade.

Por meio da análise do trabalho de Nana Queiroz, percebemos o tamanho do envolvimento das/os jornalistas nas narrativas que constroem através das histórias que contam. O processo de desenvolvimento do livro-reportagem oferece liberdade e tempo de produção maiores às/aos jornalistas, porque as/os profissionais possuem um amplo período para realizar a apuração, a investigação das histórias, as entrevistas e, por fim, podem se dedicar ainda mais para a escrita. E assim, conseguem olhar com mais calma e profundidade para histórias individuais como as que são narradas no livro analisado, como também para os principais assuntos que estão presentes na maioria dessas vivências. A maternidade, então, divide espaço nessas histórias únicas e diversas, sendo personagem na vida de uma mãe que luta pela guarda do filho e na vida de um filho que aguarda o retorno da mãe.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei nº 11.942, de 28 de maio de 2009**. Dispõe de condições mínimas de assistência às mães presas e aos recém-nascidos e altera a Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Brasília, DF, 28 mai. 2009. Disponível em:
<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111942.htm>. Acesso em: 16 abril. 2023.

QUEIROZ, Nana. **Presos que menstruam: a brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

SISDEPEN. **Dados estatísticos do Sistema Penitenciário**. Brasil. Jan a jun. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/depen/pt-br/servicos/sisdepen>>. Acesso em: 12 abril. 2023.